

## NOTA DE ABERTURA

Já a caminho dos 25 anos de atividade, a área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona tem-se pautado por algumas linhas na definição da sua prática académica. A ligação à sociedade civil, participando no esforço do diálogo entre e com as religiões é uma dessas peças formuladoras de uma postura que não se esgota no fazer ciência, mas se afirma, também, no fazer cidadania e fomentar consciências.

Ao contrário do que uma visão mais conservadora pode defender, nunca nos pareceu que a confessionalidade de cada indivíduo fosse óbice suficiente para se defender um radical afastamento da reflexão profunda à crença de cada um. Antes pelo contrário, sempre na área de Ciência das Religiões da Un. Lusófona percebemos que o enquadramento religioso era uma riqueza que se deveria cruzar com o rigor académico e com a capacidade de crítica que embasa a pesquisa científica.

Assim, ao longo dos anos, fomos desenvolvendo investigação e docência que integrava o religioso, não apenas dando a este as ferramentas académicas, como vocacionando-o para uma leitura mas crítica da sua fé, mais cosmopolita e ligada ao mundo.

É claro que, neste ponto, é a própria definição de uma Ciência das Religiões que se trabalha. É no registo epistemológico que nos encontramos quando definimos que a investigação tem de sair dos muros da universidade e tem de se “sujar” no mundo. Fizemos a “ciência normal” desta abordagem como um ponto constante de contacto livre, de partilha, reflexão e crítica, aberto a todas as abordagens.

E foi neste espírito que foi em bom momento criado o Instituto de Cristianismo Contemporâneo, dirigido pelo Professor Doutor José Brissos-Lino, assumindo-se todo o desconforto em potencial que tem a análise do presente, o debate do

atual. Mas esse sentimento de desconforto é riqueza e é complexidade, a mesma de que o próprio ser humano se alimenta.

A revista *Ad Aeternum*, que hoje aqui nasce, é a materialização de uma aproximação da Ciência das Religiões à Teologia, assumindo que o trabalho dentro do confessional em nada macula a abordagem científica, afirmando-se como uma dessas abordagens. Teologia é, naturalmente, um campo de conhecimento que acrescenta à universidade uma profundidade na abordagem ao espírito que nenhuma sociedade moderna, cimentada na crítica e na ciência, pode recusar.

Aliás, nas tradições académicas anglo-saxónicas essa proximidade é normal em universidades, sejam elas confessionais ou não. E neste aspeto encontra-se um fundamento que nos marca: a não confessionalidade do nosso projeto educativo é a possibilidade para uma franca e isenta análise do religioso, incluindo no da Teologia.

Uma revista de Teologia, como a que aqui se apresenta, apenas tem como limites o labor profícuo dos investigadores e a sua capacidade para transformar em texto e em debate a riqueza das suas pesquisas. De várias confissões, ou sem ela, todos são aqui bem acolhidos. Sem que nunca os critérios académicos sejam subalternizados.

É um campo novo que se abre nas universidades em Portugal: uma universidade, privada, abarcar um domínio que os tempos têm mantido afastados dos anfiteatros da academia. Depois do Instituto surge a revista, mostrando-nos que outros passos serão dados para tornar “normal” e verdadeiramente constitutiva da nossa cultura a abordagem às coisas do divino.

*Paulo Mendes Pinto*